

TENSÕES NA IMPLEMENTAÇÃO DOS COMPLEXOS DE ESTUDO EM ESCOLAS DO CAMPO

Wanderson Rocha Lopes¹

GDn° 17 - Currículo, Políticas Públicas e Educação Matemática.

Resumo: Neste texto, apresentamos as ideias iniciais de uma pesquisa em andamento no Mestrado Profissional em Ensino de Matemática, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, câmpus Londrina e Cornélio Procópio. O objetivo da pesquisa é investigar que tensões se produzem no encontro entre uma proposta curricular de um movimento social do campo e sujeitos de diferentes envolvimento com essa realidade, durante o desenvolvimento de um curso, destinado a professoras e professores de 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental e equipe pedagógica de duas escolas do campo. Essa proposta curricular, elaborada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do estado do Paraná, baseou-se no que foi feito nas Escolas-Comuna, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e tem como uma de suas categorias – a que mais nos interessa nesta pesquisa – os complexos de estudo. Os dados serão produzidos por meio de gravações de áudios, vídeos, atividades escritas feitas pelos participantes e um diário de campo escrito pelo pesquisador e serão articulados e analisados com o auxílio do método da cartografia.

Palavras-chave: Complexos de Estudo. Educação do Campo. Proposta Curricular. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

Dentre diversos conflitos vividos no meio rural brasileiro pelo campesinato, podemos citar aqueles decorrentes do processo de concentração fundiária, da grilagem de terras, da precarização do trabalho e da predominância do modelo do agronegócio. Esses conflitos extrapolam as vivências dos sujeitos que estão no meio rural, tendo em vista que eles fazem parte de um projeto de sociedade hegemônico do capital repleto de contradições. Diante desse quadro histórico,

[...] os movimentos sociais e sindicais rurais organizaram-se e desencadearam um processo nacional de luta pela garantia de seus direitos, articulando as exigências do direito à terra com as lutas pelo direito à educação. Esse processo nacionalmente se reconhece como Movimento de Educação do Campo. Sua novidade se refere principalmente ao protagonismo de sujeitos que não haviam antes ocupado a cena educacional brasileira: os trabalhadores rurais. É em função desse protagonismo que o conceito Educação do Campo se vincula necessariamente ao contexto no qual se desenvolvem os processos educativos e os graves conflitos que ocorrem no meio rural brasileiro, em decorrência dos diferentes interesses econômicos e sociais em disputa pela utilização desse território. (MOLINA; FREITAS, 2011, p. 18).

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR; Mestrado Profissional em Ensino de Matemática; wandersonrochalopes@gmail.com; orientadora: Línlya Sachs.

Para além de uma escola *no* campo, trata-se de defender uma escola *do* campo, que pertença aos sujeitos e à coletividade a favor de sua própria realidade – econômica, social, política e educacional.

Nos últimos 20 anos, surgem no país inúmeros projetos de Educação do Campo, com suas próprias formas de organização e maneiras de lidar com o conhecimento, na busca da redução das desigualdades no campo e das precariedades das escolas colocando, também, em questão o abandono dessas escolas pelo Estado (MOLINA; FREITAS, 2011).

As chamadas Escolas Itinerantes do Paraná integram esse Movimento de Educação do Campo e, junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), atuam na formação de sujeitos engajados na luta por seus direitos. Essas escolas, localizadas em acampamentos rurais do estado do Paraná, se organizam para que possam se deslocar caso o acampamento mude sua localização, garantindo a educação escolar para as crianças e jovens acampados. No Paraná, elas são de responsabilidade do governo estadual, desde o ano de 2003 – quando foram reconhecidas legalmente. Quando é aprovada a destinação dos imóveis rurais para a reforma agrária, transformando o acampamento em assentamento, a escola fixa suas raízes na terra conquistada. Assim, seguindo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental tornam-se responsabilidade do município em que a escola está e os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio se mantêm no âmbito do governo estadual.

É nesse contexto, de efetivação da reforma agrária, que são criadas duas escolas com oferta da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental no distrito de Lerroville, pertencente ao município de Londrina, estado do Paraná: a Escola Municipal do Campo Trabalho e Saber e a Escola Municipal do Campo Egídio Domingos Brunetto. Como apresenta Paião (2019), essas escolas surgem após a finalização das atividades da Escola Itinerante Maria Aparecida Rosignol Franciosi, no ano de 2016, que culminou, também, na criação do Colégio Estadual Maria Aparecida Rosignol Franciosi – este para atender aos anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Desde o ano de 2017, por meio de parcerias entre a Universidade Tecnológica Federal do Paraná e a Secretaria Municipal de Educação de Londrina, são oferecidos cursos de formação continuada às professoras e aos professores dessas duas escolas municipais, com foco nas propostas educacionais da Educação do Campo. Em 2019, mais

especificamente, o curso “Educação do Campo: possibilidades pedagógicas”, destinado a professoras e professores de 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental e equipe pedagógica das escolas, tem como objetivo auxiliar no planejamento de aulas baseado na proposta curricular adotada pelo MST do Paraná².

Os profissionais da educação que atuam nessas escolas têm regimes diferentes de contratação – alguns são temporários e outros permanentes – e residem em regiões distintas – alguns nos próprios assentamentos onde as escolas estão localizadas³, outros em áreas rurais próximas e outros na área urbana do município. Assim, têm diferentes níveis de aproximação e experiência com essas escolas e com a proposta curricular do MST do Paraná. O curso se desenvolve nessa diversidade, em que se discute sobre a Educação do Campo, sobre a história das escolas e se busca experimentar as ideias da proposta curricular.

Nos encontros do curso, surge esta pesquisa; são encontros de diferenças. Nessa experiência, buscamos desenvolver uma pesquisa cartográfica, que consiste “no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 53). Acompanhamos o movimento desse ambiente de formação continuada, movido pelas ações dos ministrantes e dos participantes do curso e pela proposta curricular do MST Paraná. Assim, temos como objetivo *investigar que tensões se produzem no encontro entre uma proposta curricular de um movimento social do campo e sujeitos de diferentes envolvimento com essa realidade.*

PROPOSTA CURRICULAR DO MST DO PARANÁ

O MST, como destacado por Caldart (2012), ao longo de mais de três décadas de existência, tem lutado pela construção e permanência de escolas do campo, assim como trabalhado na elaboração de propostas pedagógicas, de materiais curriculares e de processos de formação de professores.

No estado do Paraná, mais especificamente, o MST tinha como uma das principais referências para suas propostas pedagógicas a obra de Paulo Freire. Metodologicamente, com os temas geradores, propõe-se o envolvimento das educandas e dos educandos em

² Adiante, explicamos mais detalhadamente essa proposta curricular.

³ A Escola Municipal do Campo Trabalho e Saber está no Assentamento Eli Vive I e a Escola Municipal do Campo Egídio Domingos Brunetto no Assentamento Eli Vive II.

processos que ajudassem a construir uma formação de consciência crítica. Temas como “agrotóxicos”, “organização escolar”, “agricultura familiar”, “sexualidade”, “qualidade de vida” entre outros, foram abordados em escolas do campo, como afirma Sapelli (2017). Porém, ela também destaca que, embora compartilhassem das concepções de educação presentes nos temas geradores, observava-se um esvaziamento dos conteúdos teóricos que formavam as bases das ciências e das artes.

A partir de 2009, o MST do Paraná começou um processo de reformulação de sua proposta curricular. Nela, há os *ciclos de formação humana*, que são as organizações dos anos no tempo escolar (da Educação Infantil, para crianças de 4 e 5 anos; o ciclo I, para crianças de 6, 7 e 8 anos; o ciclo II, para crianças de 9, 10 e 11 anos; o ciclo III para jovens de 12, 13 e 14 anos; e o ciclo único, referente ao Ensino Médio). As avaliações são registradas por meio de *pareceres descritivos*, que são descrições detalhadas e individuais dos conhecimentos, dos objetivos de ensino e objetivos formativos previstos e desenvolvidos pelos estudantes. A progressão nos ciclos é contínua, havendo as *classes intermediárias*, em um turno oposto, para atender dificuldades apresentadas em ciclos anteriores. Por meio de *porções da realidade*, extraídas de um documento chamado *inventário da realidade* (que é um detalhamento etnográfico do entorno da escola), são elaborados os *complexos de estudo*, que são componentes curriculares dessa proposta.

Para a elaboração dessa proposta curricular, tão ampla e detalhada, foi essencial a participação do pesquisador Luiz Carlos de Freitas e da pesquisadora Roseli Salette Caldart. Com base nas investigações realizadas por Freitas sobre o material bibliográfico dos pioneiros da educação socialista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) – como Moisey M. Pistrak, Viktor N. Shulgin e Nadejda K. Krupskaya – e nas demais experiências acumuladas pelo MST, foi construída coletivamente uma proposta curricular para as escolas do campo em áreas de reforma agrária do Paraná.

Esse esforço culminou no Plano de Estudos das Escolas Itinerantes do Paraná (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2013). Ele é destinado para os anos finais do Ensino Fundamental e serve como modelo para as elaborações das escolas com as demais etapas (ou ciclos de formação humana) da Educação Básica.

Essa proposta curricular contém diversas categorias que são inspiradas nas primeiras experiências educativas da URSS, no período de 1917 a 1931 – em especial, aquelas que

ocorreram nas chamadas Escolas-Comuna. Essas categorias funcionam de forma integrada em toda a forma escolar: atualidade, trabalho, complexo de estudo, autogestão, entre outras⁴.

Um dos elementos usados como inspiração para a proposta curricular do MST do Paraná foram os *complexos de estudo*, que, no contexto da União Soviética, fora uma contribuição dos educadores Pistrak e Shulgin. “Por complexo deve-se entender a complexidade concreta dos fenômenos, tomada da realidade e unificados ao redor de um determinado tema ou ideia central” (NARKOMPROS⁵, 1924 *apud* FREITAS, 2009, p. 36). Esta complexidade está ligada à vida e, junto a ela, as diferentes práticas sociais, como o trabalho socialmente útil. De forma semelhante, é entendido pelo MST do Paraná:

Um complexo representa uma “complexidade” cujo entendimento a ser desvendado pelo estudante ativa sua curiosidade e faz uso dos conceitos, categorias e procedimentos das várias ciências e artes que são objeto de ensino em uma determinada série. O complexo tem uma prática social real embutida em sua definição. Ele é mais que um tema ou eixo e não se resume à idealização de uma prática que apenas anuncia a aplicabilidade longínqua de uma aprendizagem. É o palco de uma exercitação teórico-prática que exige do estudante as bases conceituais para seu entendimento, permite criar situações para exercitação prática destas bases plenas de significação e desafios e ao mesmo tempo permite que estes conceitos sejam construídos na interface da contribuição das várias disciplinas responsáveis pela condução do complexo. (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2013, p. 31).

Tomadas as complexidades existentes dos fenômenos sobre determinado tema ou ideia central, o complexo de estudo procura organizar e determinar o que será estudado. A realidade multifacetada dos fenômenos é abordada sobre as perspectivas das disciplinas, mas não necessariamente de todas elas. No entanto, mais do que compreender a realidade dos estudantes, é dar a eles instrumentação necessária para sua transformação. Ainda assim, as aulas teóricas das disciplinas podem ocorrer de acordo com seus métodos específicos, uma vez que o complexo de estudo determina o objeto a ser estudado e a forma que ele será trabalhado. Toda a aprendizagem é guiada pelos objetivos formativos e êxitos que se espera com essas experiências no decorrer de todo o processo escolar.

O complexo é uma unidade curricular do plano de estudos, multifacetada, que eleva a compreensão do estudante a partir de sua exercitação em uma porção da realidade plena de significações para ele. Por isso, o complexo é indicado a partir de uma pesquisa anteriormente feita na própria realidade das escolas itinerantes. É uma exercitação teórico-prática que acontece na realidade existente no mundo do estudante, vivenciada regularmente por ele em sua materialidade cotidiana e

⁴ Aqui, não detalharemos essas outras categorias (além de complexo de estudo). Elas podem ser consultadas no Plano de Estudos (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2013) e em Freitas (2009).

⁵ Comissariado Nacional de Educação da URSS.

que agora precisa ter sua compreensão teórica elevada. (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2013, p. 31).

Assim, a complexidade que é tratada faz parte da realidade dos estudantes – o que é indicado pelo inventário da realidade. A elaboração desse inventário visa uma construção de conhecimentos sobre essa realidade, que possibilita a sua transformação em busca de relações sociais justas e equilibradas (CALDART *et al.*, 2016).

O CURSO “EDUCAÇÃO DO CAMPO: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS”

O curso “Educação do Campo: possibilidades pedagógicas” ocorre em um contexto de reforma agrária, para profissionais da Escola Municipal do Campo Trabalho e Saber, localizada no Assentamento Eli Vive I, e da Escola Municipal do Campo Egídio Domingos Brunetto, localizada no Assentamento Eli Vive II – ambas no distrito de Lerroville, município de Londrina, estado do Paraná. Embora façam parte de dois assentamentos, onde as terras já foram destinadas para as famílias, muitas questões ainda são postas, como as condições de moradia, o acesso à energia elétrica e ao saneamento básico.

Também, próximo ao Assentamento Eli Vive I, havia uma terra ocupada, o Acampamento Quilombo de Palmares. As crianças acampadas frequentavam a Escola Municipal do Campo Trabalho e Saber, assim como o Colégio Estadual Maria Aparecida Rosignol Franciosi. Em julho de 2019, ocorreu o despejo dos moradores, que, depois disso, se refugiaram em uma área do Assentamento Eli Vive I, próximo à escola, e nas moradias de amigos e familiares nos dois assentamentos.

O curso⁶ tem como objetivo auxiliar no planejamento de aulas baseado na proposta curricular adotada pelo MST do Paraná. Para tanto, busca-se envolver os profissionais em um estudo dessa proposta, por meio de um trabalho colaborativo, visando investigar suas possibilidades e potencialidades em seus ambientes de trabalho. Embora o foco esteja mais especificamente nos complexos de estudo, os diversos componentes da proposta devem funcionar de forma integrada.

Assim, o curso se fundamenta:

⁶ O curso é ministrado por mim e pela minha orientadora, professora Línlya Sachs.

- nos ciclos de formação humana (ciclo da Educação Infantil, educandos de 4 e 5 anos; ciclo I, de 6, 7 e 8 anos; ciclo II, de 9, 10 e 11 anos; ciclo III, de 12, 13 e 14 anos; e ciclo único, para o Ensino Médio);
- nos dados produzidos para o inventário da realidade (durante o curso “Educação do Campo e a Construção do Inventário da Realidade”, realizado no ano de 2018);
- na ideia de complexos de estudo (baseados no Plano de Estudos para os anos finais do Ensino Fundamental, que foi elaborado e publicado pelo MST do Paraná).

Participam do curso quatro professoras e professores de 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, o diretor das duas escolas e um coordenador e uma coordenadora pedagógica de cada uma das escolas. O curso acontece presencialmente na Escola Municipal do Campo Trabalho e Saber, com nove encontros que vêm ocorrendo, aproximadamente, a cada 21 dias, devendo finalizar em novembro de 2019.

No curso, há o intuito de envolver todos os profissionais participantes no desenvolvimento de aulas a partir da proposta curricular do MST do Paraná e, particularmente, as professoras e os professores na implementação em suas aulas. Os ministrantes pretendem realizar seções de observações das aulas e gravação, de ao menos uma delas, para posterior discussão, estudo e análise das experiências realizadas de forma coletiva.

ATITUDES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa se dá no desenvolvimento do curso “Educação do Campo: possibilidades pedagógicas”, com o objetivo de investigar que tensões se produzem no encontro entre uma proposta curricular de um movimento social do campo e sujeitos de diferentes envolvimento com essa realidade.

Os sujeitos a que nos referimos são os participantes do curso. Sobre eles, podemos detalhar um pouco mais: um professor tem contrato permanente e é morador do assentamento, tendo participado, inclusive, da criação da Escola Itinerante que deu origem às três escolas atuais; duas professoras têm contrato temporário⁷ (uma delas iniciou as atividades no fim de 2018 e a outra no início de 2019), residem na sede do município de

⁷ Esse contrato tem duração máxima de dois anos.

Londrina, e deslocam-se diariamente cerca de 70 quilômetros para ir à escola; uma professora, esta com contrato permanente (tendo iniciado as atividades na escola no fim de 2018), o diretor, a coordenadora e o coordenador pedagógico, estes com contratos permanentes, moram próximos à região da escola, em áreas de distritos ou municípios com predominância rural. Assim, cada um deles tem um envolvimento diferente com a realidade dos assentamentos, com as questões que envolvem a reforma agrária e com a proposta curricular do MST do Paraná.

Esse ambiente, com todos os seus sujeitos e suas respectivas histórias que se encontram, cria um espaço de habitação com o qual nós, enquanto pesquisadores, estamos nos relacionando durante o curso. Nossa pesquisa se dá no acompanhar as tensões que se desenvolvem nesse ambiente de formação, envolvendo a proposta curricular do movimento social do campo e esses sujeitos.

Buscamos a cartografia enquanto método de pesquisa, pois

[...] o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 57).

Desse modo, o envolvimento no campo da pesquisa retira o pesquisador do comum a ele, daquilo que lhe é familiar e o leva para um ambiente de atritos, tensões, conflitos, que o direciona à produção do novo. Junto a esses processos, pesquisador e pesquisados estão em pleno agenciamento, dois heterogêneos compostos de forma colaborativa, em que o pesquisador age e escreve com aqueles que o envolvem no trabalho em campo.

Durante os encontros do curso, produzimos os dados por meio de gravações em áudio, em que há diálogos, explicações, questionamentos das professoras e dos professores e negociações das atividades propostas, e as atividades escritas, individuais e coletivas, produzidas no curso. Também, pretendemos realizar a gravação em vídeo de uma aula, em que alguma professora ou algum professor implemente um planejamento realizado coletivamente com os complexos de estudo.

Ainda, carrego em mãos um caderno, onde anoto as etapas que se desenvolvem e algumas percepções próprias do momento, com palavras-chave, que me permitem realizar uma reflexão e uma escrita cuidadosa posteriormente em um diário de campo. Após cada um dos encontros do curso, desenvolvo uma escrita sobre a ida à escola, com um tom bastante pessoal, que aborda as minhas impressões a respeito das tensões produzidas e

percebidas naquele dia e minhas descrições e reflexões sobre aquilo que vivi. Também, há algumas outras escritas, em outros momentos, com alguns pensamentos meus sobre a pesquisa em desenvolvimento.

Diante desse quadro de buscar os movimentos que o campo (vivo) de pesquisa faz, o rigor da pesquisa deve ser ressignificado, para manter-se próximo daquelas formas de vida. Os métodos e os movimentos da pesquisa, nesse sentido, devem estar o mais próximo possível dos movimentos da vida e das tensões produzidas no trabalho de campo (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). Buscamos, então, construir o mapa desses movimentos e, assim, realizar a cartografia das tensões ali produzidas.

AÇÕES FUTURAS

Com todo esse material produzido em campo – áudios, vídeos, atividades escritas e diário de campo – teremos em mãos uma quantidade imensa de dados. Buscaremos, então, fazer uma releitura deles, revivendo momentos e percebendo as tensões produzidas, relembando impressões, tentando realizar conexões entre eles.

Todos os procedimentos de produção de dados desta pesquisa buscam dar vida e voz à produção das tensões entre uma proposta curricular e os sujeitos ali presentes. Assim, a pesquisa cartográfica tem, também, uma preocupação com a própria escrita do texto (BARROS; KASTRUP, 2015). A representação das tensões que se investiga deve ser de um agenciamento com o coletivo que se está envolvido. Essa é uma de nossas preocupações: escrever um texto que explicita as experiências vividas pelo pesquisador e que represente a multiplicidade de vozes do coletivo de campo. Explicitar as experiências vividas é buscar materialidade para os afetos e tensões em campo.

Como parte das exigências de um Mestrado Profissional na área de Ensino, está prevista a elaboração de um produto educacional, que pode ser direcionado para professores ou para estudantes, com foco na implementação em condições reais de ensino. Ele pode assumir diversas formas: material didático, plataforma online, livro de orientações, obra literária, documentário, sequência didática, entre outras possibilidades.

Aqui, ainda não temos definidas as características do produto educacional, que será fruto desta pesquisa, sabemos que ele deverá abrir caminhos ao invés de fechar, criar

multiplicidades ao invés de unicidades, possibilitar invenções ao invés de direcionar para o que já foi feito. Os mapas, que serão construídos nesta pesquisa, nos levarão à produção de algo que poderemos chamar de produto educacional.

REFERÊNCIAS

- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- CALDART, R. S. *et al.* **Inventário da Realidade**: guia metodológico para uso nas escolas do campo. Veranópolis: Instituto de Educação Josué de Castro, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B19zVxnRAF8XdENLSXZzOWtzVFE/view>. Acesso em 9 de agosto de 2018.
- FREITAS, L. C. A luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito. *In*: PISTRAC, M. M. (Org.). **A Escola-Comuna**. Tradução de Luiz Carlos de Freitas e Alexandra Marenich. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 9-101.
- MOLINA, M. C.; FREITAS, H. C. A. Avanços e desafios na construção da Educação do Campo. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 17-31, abr. 2011.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Escola Itinerante**: Plano de Estudos. Cascavel: UNIOESTE, 2013.
- PAIÃO, C. A. **Memórias da escola itinerante “Maria Aparecida Rosignol Franciosi”**: histórias do fazer uma outra escola no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. 2019. 210 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Matemática) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2019.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- SAPELLI, M. L. S. Ciclos de Formação Humana com Complexos de Estudo nas Escolas Itinerantes do Paraná. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 140, p. 611-629, jul./set. 2017.